POLÍTICA E PEDAGOGIA EM ROUSSEAU*

Milton Meira do Nascimento**

Quando todas as soluções para os problemas políticos aparecem como falsas soluções, enfim, quando a corrupção do homem civil já se encontra bem avançada e tudo indica que o processo de corrupção e degenerescência da máquina política é irreversível, resta ainda uma saída possível para o homem. Mas esta não se encontra na política, e sim, na educação.

"A instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, porque não há mais pátria, não pode haver mais cidadãos. Estas duas palavras, pátria e cidadão devem ser riscadas das línguas modernas. Bem sei qual a razão mas não a quero dizer; nada tem a ver com o meu assunto!"(1) As razões dessa transformação foram demonstradas no Discurso sobre a Desigualdade e no Contrato Social. O assunto que interessa agora é a educação do homem natural. O homem moderno, segundo Rousseau, está totalmente dividido e acaba não sendo nem homem nem cidadão. "Aquele que na ordem

* Conferência proferida em Florianópolis - UFSC - Centro de Ciências da Educação - 1º de outubro de 1987.

** Professor do Departamento de Filosofia da USP.

civil, deseja conservar a primazia da natureza, não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, hesitando entre suas inclinações e seus deveres, nunca será nem homem nem cidadão; não será bom nem para si nem para outrem. Será um dos homens de nossos dias, um francês, um inglês, um burguês; não será nada." (2)

É exatamente essa contradição do homem moderno que vai enfraquecendo cada vez mais a vida em sociedade. Na verdade, todos se organizam em sociedade para garantir seus interesses pessoais. Como conciliar o interesse particular com o interesse público? O cidadão que negligencia os negócios públicos para concentrar-se em seus próprios interesses, não cumpre o seu dever, passando a viver em função de sua vontade particular. E essa é a tendência natural, que culmina mesmo com a extinção da pátria, do cidadão, e, portanto, com a extinção do próprio corpo político.

Diante desse quadro, educar um indivíduo para viver numa sociedade já corrompida é aceitar que os interesses particulares predominem sobre o interesse geral, é contribuir para que o processo de desagregação da organização política se acelere mais ainda. A educação pública "só serve para fazer homens de duas caras, parecendo tudo subordinar aos outros e não subordinando nada senão a si mesmos." (3) A escola reproduz o processo de corrupção social. Os mestres compactuam com a situação de uma sociedade em decadência. "Toda a nossa sabedoria consiste em pre

conceitos servis, todos os nossos usos não são senão sujeição, embaraço e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão, ao nascer, envolvem-no em um cueiro, ao morrer, encerram-no em um caixão, enquanto conserva sua figura humana está acorrentado a nossas instituições."(4)

A questão que se coloca, para Rousseau, é como mudar esta condição, como recuperar a liberdade. Pela ação política, muito pouco pode ser feito. Apenas podemos aplicar alguns remédios para a melhora de um corpo doentio, mas jamais poderemos curá-lo por completo. É o que nos indica a leitura dos textos políticos, do Contrato Social, das Considerações sobre o Governo da Polônia e do Projeto de Constituição para a Córsega. É preciso verificar agora o que se pode fazer através da educação para que a escola não continue formando homens de duas caras. O que resta então a fazer? "Resta, enfim a educação doméstica ou a da natureza, mas que será para os outros um homem unicamente educado para si mesmo? Se o duplo objetivo que se propõe pudesse porventura reunir-se num só, eliminando as contradições do homem, eliminar-se-ia um grande obstáculo à sua felicidade. Para julgar, fora preciso ter observado suas tendências, visto seus progressos, acompanhado sua evolução; fora preciso, em poucas palavras, conhecer o homem natural. Creio que alguns passos terão sido dados nessas pesquisas lendo-se este livro." (5)

Tal será a grande tarefa do Emílio. Formar o homem natural não será tarefa muito fácil quando tudo se desenvolve em sentido contrário. O homem civil é aquele em que o amor de si cedeu lugar ao amor-próprio e a diferença fundamental entre esses dois sentimentos é que "o amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude!" Ao passo que "o amor-próprio não passa de um sentimento relativo, fictício, e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que causam uns aos outros e que constitui a verdadeira fonte de honra"(6). Educar o homem natural será então impedir o desenvolvimento do amor próprio ou tentar eliminá-lo, uma vez que se apresenta como a fonte de todos os males.

Seria interessante verificar se a ação pedagógica viria preencher o vazio deixado pela política. Os educadores realizariam a façanha que os príncipes e legisladores não conseguiram, ou seja, construir a cidade onde todos veriam sob a orientação da vontade geral e onde o interesse público estaria acima do interesse particular? Ao final da educação do Emílio, vários projetos se apresentam diante dele: ter um ofício, uma propriedade, um lugar onde não exista "um governo violento, uma religião perseguidora e costumes perversos"(7). Afinal, um lugar onde se possa vi

ver tranquilo, onde todos se conformem apenas com o necessário, ajudando-se mutuamente. Emílio fora educado sem vícios, nele a natureza se conservara em tudo. Nada mais normal do que desfrutar agora de todo esse processo educativo. Mas, antes de iniciar as suas viagens, há uma advertência do preceptor. "Tenho mais experiência do que vós, caro Emílio; vejo mais claramente a dificuldade de vosso projeto. No entanto, é belo, é honesto, e vos tornaria feliz efetivamente: esforcemo-nos por executá-lo. Tenho uma proposta a fazer-vos: consagremos os dois anos até vossa volta a escolher um lugar na Europa onde possais viver feliz com vossa família, ao abrigo de todos os perigos que acabo de falar. Se tivermos êxito, tereis encontrado a verdadeira felicidade procurada por tantos outros e não lamentareis o tempo gasto. Se não o conseguirmos, vós vos tereis curado de uma quimera; vós vos consolareis de uma desgraça inevitável e vos submetereis à lei da necessidade" (8).

A opção que Rousseau apresenta é bastante clara. Ou Emílio encontra a verdadeira felicidade ou então cura-se de uma quimera. E se a segunda opção for a vencedora, o que parece bem mais provável, então a única solução é submeter-se à lei da necessidade. Só restará o consolo para uma desgraça inevitável, nada mais. Neste sentido, também a prática pedagógica irá descobrir a mesma verdade mostrada pela prática política, ou seja, a corrupção e o vício imperam em toda parte, o homem não é livre em parte alguma. É preciso agora saber como viver em uma sociedade nes

sas condições. Voltar ao estado de natureza já não é mais possível, recuperar a inocência será também uma quimera de todo jovem bem educado, como Emílio, que em suas viagens não contraem os vícios dos povos, mas, pelo contrário, sendo jovens "bem nascidos, aqueles cujo bom natural foi bem cultivado e que viajam com a intenção real de se instruírem, voltam todos melhores e mais sábios do que quando partiram. Assim viajará meu Emílio: assim viajou um jovem digno de melhor século, cujo mérito a Europa espantada admirou, que morreu por seu país na flor da idade, mas que merecia viver e cujo túmulo, ornado unicamente com suas virtudes, aguardava, para ser honrado, que a mão de um estrangeiro nele semeasse flores". (9) Assim, esse jovem que não se identifica com seu século jamais irá encontrar na Europa um lugar onde possa viver feliz. Mas, se diante da realidade de que surge a seus olhos ele nada pode fazer, resta apenas o exemplo da virtude que pode dar a seus concidadãos. O seu lugar não será a solidão ou o afastamento para sempre do convívio dos homens. "Teus compatriotas te protegem, filho, debes amá-los em sendo homens, debes viver no meio deles ou ao menos em lugar onde possas ser-lhes útil na medida de tuas forças, e onde saibam ir buscar-te se precisarem de ti". (10) Além disso, "tu que não escolheste o triste emprego de dizer a verdade aos homens, vai viver no meio deles, cultiva sua amizade, sê seu benfeitor, seu modelo; teu exemplo lhes será mais útil do que todos os livros e o bem que te verão fazer os comoverá mais do que to

dos os discursos vãos". (11)

Só dessa forma, através do exemplo, se pode viver coerentemente, se pode então "agir como se fala". Antes, portanto, de tentar modificar os homens com sermões é preciso dar-lhes o exemplo de uma conduta virtuosa. O exemplo só se percebe na convivência com outros homens. A quem daria o exemplo um homem solitário, um ermitão?

Em que pese o bom exemplo que Emílio possa dar a seus concidadãos, ele não será reconhecido como um homem de seu século. Sua maneira de ser e agir estará mesmo em oposição à de seus concidadãos. E esta atitude que o faz diferente de todos, de certa forma também o isola dos de mais, mas num isolamento que é imposto pela sociedade. No entanto, solitário na sociedade, fora de seu tempo, "se o príncipe ou o estado te chamarem ao serviço da pátria, abandona tudo para ires cumprir no posto que te indicarem tua honrosa função de cidadão. Se a função te for onerosa haverá um meio honesto e seguro de te libertares, é o de desempenhá-la com bastante integridade para que não te permaneça entregue por muito tempo. Além disso, teme pouco o embaraço de semelhante cargo; enquanto houver homens deste século, não virão buscar a ti para servires o Estado". (12)

Emílio não exercerá as funções de cidadão, embora deva ter sempre em mente que servir ao Estado deverá ser um dever a ser cumprido quando solicitado para isso. Mas se os homens de seu tempo não o chamam para o serviço público é porque não o reconhecem como cidadão, isto é, "um

francês, um inglês, ou um burguês". No entanto, em seu tempo, ele só poderá ser mesmo negação, crítica dos seus concidadãos.

Desta forma, se a educação, num primeiro momento parecia substituir a política, nota-se agora que ela acaba por se defrontar com os mesmos problemas da política. Tanto o legislador quanto o preceptor irão mostrar, na realidade, que não há solução definitiva para o processo de corrupção da sociedade. A destruição do corpo político é inevitável. Educar será, portanto, desmitificar, desfazer no aluno a quimera do bem estar social, a quimera do lugar onde se possa viver tranquilamente e encontrar a verdadeira felicidade. O que lhe dará certamente mais condições para enfrentar a realidade que encontrar diante de si.

N O T A S

1. Rousseau, J.:J., Émile, in Oeuvres Complètes, Paris, Pléiade, p. 250.
2. Id., p. 249
3. Id., ibid., p. 250.
4. Id., p. 253.
5. Rousseau, J.:J. Émile, in: Op. cit., p. 253.
6. Rousseau, J.:J. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes. in: Op. cit., p. 219.
7. Rousseau, J.:J. Émile, in Op. cit., p. 835.
8. Id., p. 836.
9. Id. p. 832. Este jovem deve ser o conde de Gisors.
10. Id., p. 858.
11. Id., p. 859.
12. Id., p. 860.